

CECÍLIA MAYRINK O'KUIINGHTTONS

**Sobreviventes da ditadura no Brasil:
Histórias escondidas no prédio do DOI-Codi**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora
para a obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo, Faculdade de
Jornalismo, Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo Orientador: Prof.
Julio Wainer

SÃO PAULO 2024

Projeto TCC - Junho de 2024

Cicatrices urbanas: por onde andam as memórias de São Paulo da ditadura militar no Brasil?

Cecília Mayrink O’Kuinghttons, RA00298888

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo

Modalidade: livro-reportagem

Pergunta guia: Quais marcos existem em São Paulo que nos remetem ao período da ditadura militar?

Resumo: farei uma investigação sobre alguns lugares da cidade de São Paulo que são marcos da ditadura militar dedicados à memória política ou que ainda demandam o reconhecimento por parte do governo e da sociedade. Nesse trabalho, vou me concentrar na pedra em homenagem a Carlos Marighella, o Memorial da Resistência e o Arco Presídio Tiradentes.

Palavras-chave: ditadura militar no Brasil; espaços urbano; preservação de patrimônio.

Justificativa: Existe uma narrativa muito presente na sociedade de que o Brasil não faz um exercício de preservar os espaços de memória. Isso é particularmente sensível na cidade de São Paulo, cujo espaço está em constante transformação. Nosso interesse específico é no período da ditadura militar (1964-1985), quando a cidade foi tomada pelo novo governo ao mesmo tempo que continuava a crescer vertiginosamente. Após o término desse período da história, observa-se que o assunto se tornou pouco comentado no País, assim como não houve um trabalho de manter os rastros físicos e urbanos em uma das maiores cidades do mundo, que é São Paulo.

Diante desse cenário, a investigação se torna importante para compreender e visualizar quais são os ambientes urbanos que guardam ainda são memória cicatrizes da ditadura e em qual estado de conservação estes se encontram.

Alguns espaços foram consagrados a essa memória; outros permanecem sem qualquer registro a respeito.

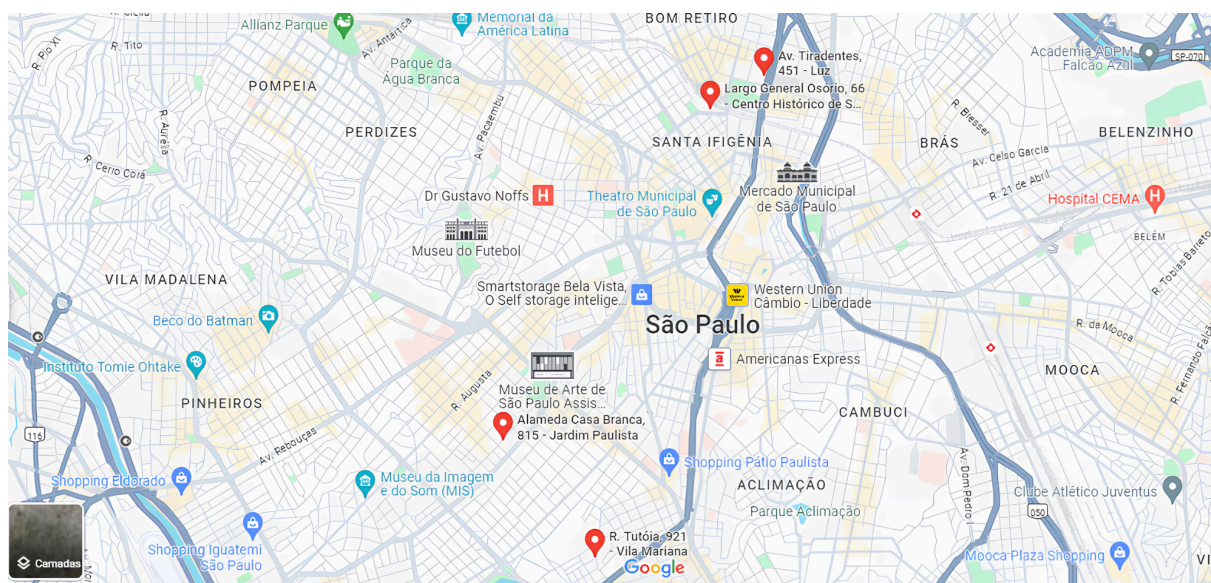
Ter espaços físicos que remetem à uma memória é fundamental para evitar o apagamento de eventos históricos, e uma cidade com a importância e o tamanho de São Paulo deveria ser reflexo disso.

Países da Europa e da América Latina mostram um esforço constante de preservar a história ocorrida em pontos da cidade. Um exemplo disso são as diversas placas em cidades como Paris dizendo “esta pessoa faleceu aqui, na data X e no evento Y”. Já em Santiago, no Chile, é possível visitar um variado número de museus dedicados à ditadura militar.

Tomando medidas como essas como referências, observamos que em São Paulo, essa preocupação e iniciativa tanto por parte da sociedade, quanto do governo federal e estadual, é inferior ao trabalho de preservação urbana da memória de outros países. Mas em que escala isso se dá? É o que vou investigar neste trabalho.

Conteúdo:

1. Ditadura militar no Brasil: breve histórico centrado na cidade de São Paulo;
2. Pedra em homenagem a Carlos Marighella: quem foi o personagem, como foi seu assassinato, o que é a pedra colocada em sua memória e em qual estado ela se encontra?
3. Memorial da Resistência: dos poucos museus inteiramente dedicados à ditadura brasileira. O que há lá? Como foi seu processo de construção? O museu possui visibilidade na cidade e entre os cidadãos?
4. Arco Presídio Tiradentes: o que foi o presídio, qual seu papel durante a ditadura, por que foi derrubado e o que restou dele?
5. Prédio do antigo DOI-Codi, rua Tutoia: o que era na época da ditadura? Por que hoje não é um museu voltado à memória do período militar?



Arco Presídio Tiradentes: Avenida Tiradentes, 451, Tiradentes

O Presídio Tiradentes estava localizado na Avenida Tiradentes, na altura do número 451, no centro de São Paulo. Hoje, resta apenas o seu portal de entrada, conhecido como “Arco do Presídio”, que foi tombado como patrimônio histórico em 1985 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat).

Construído em 1852, o presídio servia como local de detenção de escravos. Foi durante o Estado Novo (1937-1945), contudo, que o local recebeu um pavilhão especial para presos da Lei de Segurança Nacional e passou a ser reconhecido como um presídio político.

Durante a ditadura militar, as pessoas que tiveram suas prisões legalizadas ou foram condenadas pela Justiça Militar eram enviados para o local. Ele era um centro de detenção considerado mais seguro, uma vez que havia documentação dos detentos, o que foi crucial para reunir evidências das violências vividas pelos detidos.

No final de 1972, o edifício foi demolido em função das obras do Metrô. Atualmente, o local não conta com nenhuma sinalização que informe os eventos ocorridos. Ele chegou a possuir uma placa informativa, mas esta foi roubada e nunca repostas.

Memorial da Resistência: Largo General Osório, 66, Santa Ifigênia

Entre 1940 e 1983 o edifício que abriga hoje o Memorial da Resistência e a Estação Pinacoteca sediou delegacias vinculadas ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops-SP). A instituição foi um centro de repressão e tortura que operava na instauração de inquéritos e busca por informações relevantes para o regime militar.

Nas décadas de 1980-90 o prédio ficou parcialmente abandonado, mas desde 2009 funciona como um museu, que é o maior do Brasil dedicado à memória da ditadura. Por meio de exposições e atividades, a instituição oferece programações culturais gratuitas.

As salas do museu contam com explicações detalhadas sobre a atuação do Deops-SP, a repressão de órgãos do governo e os movimentos de resistência ao regime militar. O público tem acesso a murais informativos, linhas do tempo, fotos e mapas que retratam esses momentos.

Um dos pontos mais marcantes da visita é a recreação das celas que se encontravam no prédio. Os quatro ambientes simulam os espaços que concentravam entre 10 e 20 presos políticos, onde eles eram mantidos durante semanas, meses e até mesmo anos. No edifício, as vítimas eram interrogadas e torturadas.

As paredes das celas também possuem inscrições e desenhos recriados através da memória de sobreviventes que estiveram no local.



Cela 3 no Memorial da Resistência (Foto: Arquivo Pessoal)

O Memorial da Resistência é membro da Coalizão Internacional de Lugares de Consciência, compondo a Rede Latinoamericana e Caribenha de Lugares de Memória (RESLAC).

Além disso, ele é gerenciado pela Associação Pinacoteca Arte e Cultura (APAC), organização ligada ao Governo do Estado e à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

Homenagem a Carlos Marighella: Alameda Casa Branca, 815

Na calçada da alameda Casa Branca, na altura do número 815, foi colocada uma pedra como forma de homenagear o guerrilheiro Carlos Marighella.

O líder da luta armada contra o regime militar foi assassinado em uma operação do Deops-SP na noite de 4 de novembro de 1969. A pedra de granito foi instalada no local 30 anos depois do ocorrido, em 1999.



Homenagem a Carlos Marighella (Foto: Arquivo Pessoal)

A pedra se encontra na beirada de uma calçada com o solo irregular e quebrado. A árvore ao lado ajuda a escondê-la, assim como as lixeiras dos prédios vizinhos. Ao se aproximar da pedra, é possível ver um entorno sujo e os sinais de abandono.

Anteriormente existia uma placa de mármore que explicava o significado da homenagem, mas foi roubada pouco tempo após a inauguração. Hoje, a mensagem "aqui tombou Carlos

Marighella em 4/11/69, assassinado pela ditadura militar", inscrita na pedra, está quase ilegível.

Antigo DOI-Codi, rua Tutóia, 921

O Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) foi um órgão clandestino criado em 1969 e incorporado ao Exército no ano seguinte.

Com sede na Vila Mariana, o atual 36ª Distrito Policial foi serviu de instalação para abrigar o DOI-Codi/SP. Ele foi reconhecido como um dos mais atuantes centros de tortura, assassinato e desaparecimento de perseguidos políticos do País.

Foram levadas para interrogatórios no local ao menos 6.700 pessoas e houve 50 mortes consequentes às torturas ou confrontos com os agentes da organização, conforme mostra o levantamento feito pela Comissão Nacional da Verdade.

O DOI-Codi atuou no local até 1984, quando foi transferido para o 4º Batalhão de Infantaria, em Osasco, e, em seguida, para um Hospital do Exército, no Cambuci, onde ficou até a sua desativação.

O tombamento do espaço foi aprovado em janeiro de 2014, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), após relatoria da historiadora Deborah Neves ressaltar a relevância histórica e social que o local tem para a memória política brasileira.

Apesar do tombamento que visa a preservação do prédio, o espaço não é, ao menos por enquanto, um museu. Existem iniciativas, contudo, que visam colaborar para maior participação da sociedade civil no processo para definição do projeto museológico a ser implantado futuramente. A visita ao antigo DOI-Codi é mediada e os interessados devem fazer uma inscrição prévia.

Abordagem: O livro-reportagem será composto por 4 capítulos. O primeiro será o contexto histórico e o desenvolvimento crítico de como São Paulo é o reflexo urbano do apagamento das memórias relacionadas à ditadura no Brasil.

Os demais capítulos serão dedicados a cada um dos lugares descritos no tópico "conteúdos": a pedra de Marighella, o arco do presídio, o museu e o prédio da rua Tutóia.

A análise será feita a partir da minha experiência pessoal de visita de cada um dos pontos urbanos destacados ao longo do trabalho. Sendo assim, vou adicionar fotografias originais e de arquivo para ilustrá-los.

Método de trabalho: As pesquisas contarão com um levantamento histórico que se refere aos pontos urbanos de São Paulo. Já os capítulos serão desenvolvidos a partir de uma análise crítica feita a partir das visitas aos lugares visitados, ora apoiadas também por pesquisas e autores.

A pesquisa parte de um levantamento histórico que se refere aos espaços urbanos de São Paulo relacionados ao período da ditadura militar no Brasil. Segundo dados da curadoria do Museu da Resistência, existem 115 lugares de memória vinculados aos períodos ditatoriais na capital paulista. Devido ao escopo deste trabalho, adotei os seguintes critérios para selecionar os espaços que serão investigados mais profundamente:

1. relação específica com o período da ditadura de 1964 - 1985;
2. lugares onde ocorreram eventos concretos e que são evidência das ações da ditadura militar;
3. representatividade de espaços ou marcos com maior ou menor reconhecimento institucional e público.

Aplicados os critérios, os capítulos centrais do livro-reportagem serão dedicados à exploração dos seguintes espaços/marcos: pedra em homenagem a Carlos Marighella, Memorial da Resistência, arco Presídio Tiradentes, prédio do antigo DOI-Codi.

Bibliografia inicial

CNN PRIME TIME. 60 anos do golpe: CNN visita principal centro de tortura da ditadura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rhRBplbho8Q&t=410s>

FICO, Carlos. O golpe de 1964 e o papel do governo dos EUA. In FICO, Carlos et al. (orgs.). Ditadura e democracia na América latina: balanço histórico e perspectivas. Edição 1. Rio de Janeiro. FGV. 2008, p. 53-77.

COGGIOLA, Osvaldo. Governos militares na América Latina. Edição 1. São Paulo, Editora Contexto, 2001.

GOMES, Sérgio. Exposição Ditadura: cotidianos e heranças. Entrevista concedida em 2019. Disponível em:

<https://exposicaoditadura.museudapessoa.org/historia/sergio-gomes/>

JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986. Disponível em:

https://psicologadrumond.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/carl-jung_mmc3b3rias-sonhos-reflexc3b5es.pdf

LE GOFF, Jacques. A noção de documento/monumento. Disponível em:

<https://pethistoriaufc.blogspot.com/2013/08/jacques-le-goff-nocao-de.html>

MAYRINK, José Maria. Vida de Repórter. Edição 1. São Paulo, Geração Editorial, 2002.

MEMÓRIAS da ditadura. Disponível em: <http://memoriasdeditadura.org.br/>.

NAPOLITANO, Marcos. 1964. História do regime militar brasileiro. Edição 1. São Paulo, Editora Contexto, 2014.

O GLOBO. Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro. Disponível em

<https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>

RODRIGUES, César. Contra o arbítrio e a violência: o portal do Presídio Tiradentes.

Disponível em:

<https://www.historiadaditadura.com.br/post/contraoarbitrioeeviolenciaoportaldopresidiotiradentes>

SÃO PAULO, Memorial da resistência de São Paulo. Governo do Estado de São Paulo.

Disponível em <https://memorialdaresistenciasp.org.br/>

SILVA, Janice Theodoro. Museu Histórico. O DOI-CODI.

<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/museu-historico-o-doi-codi>

VANNUCHI, Camilo. Por dentro do maior centro de tortura da ditadura, prestes a ser escavado. 2024. Disponível em: <https://leiaisso.net/qdxht/>

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso

Este memorial descreve meu percurso de elaboração do livro-reportagem “Sobreviventes da ditadura no Brasil: Histórias escondidas no prédio do DOI-Codi”, entregue e apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A ideia de fazer um TCC sobre o período da ditadura partiu do meu interesse em retomar um campo de pesquisa já explorado durante o Ensino Médio, no Colégio São Domingos. Em 2019, desenvolvi a monografia “As ditaduras militares do Brasil e do Chile: conectando olhares e tempos de crianças e adultos”, na qual entrevistei os meus pais e avôs, para entender como cada um deles viveu os regimes militares em seus respectivos países.

Naquele trabalho, me aproximei do método de História Comparada e do ato de entrevistar, antes mesmo de escolher estudar Jornalismo na universidade. A monografia foi a minha porta de entrada para assuntos relacionados à memória individual e coletiva e para o estudo do período da ditadura no Brasil.

Quando estava escolhendo um tema para o TCC no início deste ano, decidi explorar novamente o tema da ditadura, mas, desta vez, com um novo recorte. Em abril de 2024, me deparei, por coincidência, com um vídeo no Youtube da CNN (<https://www.youtube.com/watch?v=rhRBplbho8Q>) sobre o complexo do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo, também conhecido como DOI-Codi/SP, localizado na Vila Mariana. Nele, o jornalista Pedro Venceslau e o ex-presos político Maurice Politi mostram como está hoje o que foi um dos principais centros de tortura na ditadura.

Naquele momento, o que me chamou a atenção foi que, na época, eu não conhecia esse lugar. Não sabia qual tinha sido a sua função durante o regime militar e em que parte da cidade se encontrava. Ao longo do vídeo, Politi mostra o estado de deterioração que afeta as salas, o teto e os pisos do edifício.

Surgiu-me, então, o questionamento de quantos outros lugares relacionados ao período da ditadura eu ainda não conhecia. Onde eles estão? Estão preservados? O público tem acesso a esses lugares?

A partir dessas perguntas, decidi pesquisar, em meu TCC, que lugares relacionados aos tempos da ditadura existem na cidade de São Paulo. A ideia era fazer um capítulo sobre cada local, sendo os escolhidos: o Memorial da Resistência, Arco do Presídio Tiradentes, pedra em homenagem a Carlos Marighella e o DOI-Codi. Escolhi o formato do livro-reportagem porque sempre gostei de escrever e acreditava que este seria o produto que melhor se encaixaria com a temática.

O primeiro passo dado foi visitar a pedra em homenagem ao Carlos Marighella, localizada na Alameda Casa Branca, no bairro dos Jardins. A pedra de granito se encontra na calçada da rua e tem uma inscrição praticamente ilegível que diz: "Aqui tombou Carlos Marighella em 4/11/69, assassinado pela ditadura militar". Em seguida, fui ao Memorial da Resistência, na Santa Ifigênia. Esse é o antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops-SP), um centro de repressão e tortura que operava na instauração de inquéritos e busca por informações relevantes para o regime militar. O próximo lugar visitado foi o prédio do antigo DOI-Codi, na rua Tutóia.

Estive no complexo do DOI-Codi em uma das visitas guiadas organizadas no mês de junho pelo Núcleo Memória. Ali me deparei com paredes corroídas pela umidade, o piso deteriorado e a ausência de luz elétrica nos ambientes internos. Naquele dia, conheci o historiador César Rodrigues e Maurice Politi. Ambos contaram ao público, de forma detalhada, sobre os crimes cometidos no local, durante o regime militar. Além disso, Politi e duas convidadas e ex-presas, Amelinha Teles e Ana Muller, relataram suas histórias, o que me deixou extremamente comovida.

Outro ponto que me chamou a atenção na visita foi a explicação de que, apesar de o espaço ser tombado, não há ainda perspectivas de que ele se torne um museu. Essa pauta me levou a querer investigar mais a fundo a problemática que envolve o descaso do Estado com relação a um dos principais centros de tortura durante a ditadura. Após a visita, fiz uma entrevista, de forma virtual, via Google Meet, com César Rodrigues, que trabalha ativamente ao lado do grupo Núcleo Memória, no complexo da rua Tutóia. Mesmo sendo à distância, a conversa foi rica em detalhes e me despertou a ideia de focar o livro-reportagem apenas no DOI-Codi, para poder me debruçar de forma profunda na sua história, para investigar sobre o processo de tombamento e, ainda, para recolher depoimentos de ex-presos sobreviventes do local. Esse processo foi fundamental para enriquecer o trabalho e cumprir com um dos meus interesses pessoais do ponto de vista jornalístico: dar voz a quem foi ou está sendo calado.

A primeira entrevista foi feita com Politi, que já havia conhecido na visita ao DOI-Codi. O encontro foi realizado presencialmente no escritório do Núcleo Memória, perto da Avenida Paulista. Nos sentamos frente a frente em uma mesa e a gravação da entrevista fluiu de forma natural.

O próximo encontro foi com Ivan Seixas. A conversa foi feita por meio de ligação de vídeo na plataforma Google Meet, pois ele mora em Foz do Iguaçu e eu, em São Paulo. Mesmo não sendo presencial, não senti resistência, por parte do Ivan, em se abrir comigo em momento algum. Pelo contrário: ele foi o entrevistado que mais deu detalhes sem que eu insistisse.

Depois, foi a vez de me encontrar com Célia Rocha Paes. No dia marcado, fui até o seu apartamento e tomamos café da manhã juntas, o que me fez sentir muito acolhida. Antes de começar a entrevista, conversamos sobre nossas famílias e outros temas de nossas vidas pessoais. Célia é arquiteta e sua casa reflete a profissão. A sua voz baixa muitas vezes foi sobreposta pela obra do andar de cima, mas isso não nos impediu de desenvolver um diálogo profundo.

Por último, me reuni com Amelinha Teles em ligação de vídeo na plataforma Google Meet, pois não conseguimos encontrar um dia em que as duas estivessem disponíveis para um encontro presencial. Eu já a tinha conhecido na visita guiada ao DOI-Codi, mas, naquela ocasião, não tivemos a oportunidade de conversar. A entrevista com Amelinha foi a que apresentou mais dificuldade quanto a um desenvolvimento detalhado das respostas às perguntas elaboradas. Contudo, como eu já conhecia um pouco de sua história, procurei ampliar nossa conversa com perguntas que surgiram no momento. Ao final, a entrevista com Amelinha rendeu o relato que considero ter sido o mais difícil de ouvir e o capítulo mais “incômodo” de escrever, pois ela toca em questões sensíveis como violência sexual.

Todas as entrevistas duraram cerca de 2 horas e, ao final de cada uma delas, tive um momento introspectivo e de reflexão. As lembranças de cada entrevistado revelam traumas desse tempo obscuro, violento e doloroso vivido no interior do DOI-Codi. Uma das perguntas-chave que optei por realizar em todos os encontros foi: “o que você desejaria que fosse feito hoje no antigo DOI-Codi?”. Assim, pude traçar relações entre a definição de um “lugar de memória”, conforme descrito por Pierre Nora, e mostrar a importância cultural e histórica que compõem o local.

Além das conversas, utilizei livros, artigos de revistas e textos de sites para apoiar os fundamentos teóricos e dados históricos relacionados ao contexto do trabalho, principalmente nos capítulos I, II e III.

Público-alvo do livro

O livro-reportagem “Sobreviventes da ditadura no Brasil: Histórias escondidas no prédio do DOI-Codi” é destinado ao público geral interessado em conhecer a história recente do Brasil. Entretanto, pode atender a interesses específicos de profissionais das áreas de História, Direito, Direitos Humanos, Política, Cultura e Museologia.

Projeto Gráfico

A diagramação final do livro-reportagem realizada por mim foi pensada para criar uma leitura dinâmica para o texto, utilizando elementos gráficos como fotos, linha do tempo e imagem da planta aérea no espaço do DOI-Codi.

Um dos elementos mais importantes da composição visual do livro foram as fotografias tiradas no antigo DOI-Codi, que tem o objetivo de trazer os leitores para dentro do espaço, para que visualizem, com maior clareza, as descrições ambientais feitas no decorrer dos capítulos.

A capa da obra foi realizada por minha irmã, Melina, a partir de fotos que eu mesma tirei no

local. O objetivo foi trazer uma montagem de imagens que façam referência aos capítulos. O fundo da capa é composto por duas imagens que mostram o espaço do DOI-Codi hoje: a porta de entrada do Prédio de interrogatórios e a vista de cima das escadas que levam ao segundo andar do edifício. Já na parte inferior da capa, foram colocadas as fotos dos quatro entrevistados que estiveram presos ali.

Para uma eventual publicação do trabalho, pretendo aprimorar a diagramação do texto, de modo que ele se enquadre adequadamente no formato de um livro impresso ou *e-book*. Outra ideia que tenho a respeito de uma futura publicação é a inclusão de um prefácio, o que poderia ser elaborado por algum outro testemunho do período da ditadura no Brasil.

Circulação e projetos futuros

Conforme mencionei, o livro-reportagem foi escrito, em um primeiro momento, apenas como um Trabalho de Conclusão do Curso, mas tenho a intenção de, futuramente, realizar eventuais alterações, a fim de publicá-lo. Esse projeto poderá contribuir para que os brasileiros conheçam mais da história de seu país, especialmente aquelas que ainda estão escondidas atrás dos muros das cidades. Também é meu desejo dar continuidade ao trabalho com estas temáticas no decorrer de minha carreira no Jornalismo.

Considero que a construção deste livro reforça a relevância histórica do principal centro de tortura e assassinato da cidade de São Paulo, na época da ditadura. Além de Politi, Ivan, Célia e Amelinha, mais de 6 mil pessoas foram vítimas das brutalidades ocorridas na rua Tutóia, além das 54 vidas que foram tiradas pelos agentes do órgão. O complexo é um retrato da violência praticada durante o regime militar.

Observa-se, no País, uma política premeditada de não tocar em assuntos da ditadura, pois pouco se fala da repressão, da tortura, dos mortos e desaparecidos. Assim, falar abertamente sobre o complexo do antigo DOI-Codi e lutar para transformá-lo em um lugar de memória é um recurso que pode ajudar no combate à cultura do esquecimento. Espero que este livro-reportagem contribua para esse projeto e que sirva de incentivo para a construção de outras iniciativas que estejam também abertas ao resgate da memória da história do Brasil. Nesse sentido, destaco o documentário que está em produção sob direção do professor Julio Wainer, meu orientador. O trabalho em desenvolvimento, inspirado neste livro, também dará voz aos ex-presos do DOI-Codi agora no formato de vídeo.

Bibliografia do trabalho

ALTARES, Guillermo. Auschwitz: a luta para preservar a memória do horror. *El País*. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/internacional/1511349413_515782.html. Acesso em: 12 de novembro de 2024.

ANDERSEN, Alice. Governo Tarcísio resiste em transformar DOI-Codi de SP em centro de memória. *Revista Fórum*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/10/2/governo-tarcisio-resiste-em-transformar-doi-codi-de-sp-em-centro-de-memoria-145068.html>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

AZENHA, Luiz Carlos. Ivan Seixas: É preciso resgatar a história das Divisões de Segurança e Informações. *Viomundo*. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/politica/ivan-seixas-e-preciso-resgatar-a-historia-das-divisoes-de-seguranca-e-informacoes.html>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

BARBOSA, Catarina. Relembre 7 vezes em que o governo Bolsonaro se espelhou no Brasil da ditadura militar. *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/relembre-7-vezes-em-que-o-governo-bolsonaro-se-espelhou-no-brasil-da-ditadura-militar>. Acesso em: 3 de junho de 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Ação civil pública, 6 de junho de 2006. Disponível em: https://justicadetransicao.mpf.mp.br/entenda/documentos-1/ACIV_00_ustramacieliDOI_CODI_SP.pdf. Acesso em: 13 de maio de 2024.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório, 2014. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=571. Acesso em: 08 de novembro de 2024.

COELHO, Myrna. Tortura e suplício, ditadura e violência. *Lutas Sociais*. São Paulo, vol.18 n.32, p.148-162, jan./jun. 2014.

COMISSÃO DA VERDADE DA PUC-SP. Mortos e desaparecidos. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/mortos-e-desaparecidos-contextualizacao.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

CORRÊA, Larissa Rosa. O Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo: as atividades da polícia política e a intrincada organização de seu acervo. *Histórica Revista do Arquivo do Estado de São Paulo*. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao33/materia04/>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

FERNANDES, Pádua. Ilícito absoluto: a família Almeida Teles, o coronel C. A. Brillhante Ustra e a tortura. São Paulo: Editora Patuá, 2023.

GODOY, Marcelo. A casa da vovó. São Paulo: Editora Alameda, 2014.

KOBASHI, Nair Yumiko; JATENE, Caio Vargas; CRIVELENTE, Mariana Ramos. Lugares de memória e resistência da América Latina: levantamento, organização e difusão de informações em um website. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n.42, p.159 -185, jan./abr. 2019.

LIMA, Isabelly. DOI-CODI: As pesquisas no principal cenário da ditadura militar em São Paulo. *Arquivo Nacional*. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/doi-codi-as-pesquisas-no-principal-cenario-da-ditadura-militar-em-sao-paulo>. Acesso em: 9 de novembro de 2024.

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA. Lugares de memória. Disponível em: https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page_id=8. Acesso em: 8 de novembro de 2024.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. DEOPS-SP. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/deops-sp/>. Acesso em: 2 de julho de 2024.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. Maria Amélia de Almeida Teles. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/maria-amelia-de-almeida-teles/>. Acesso em: 12 de novembro de 2024.

MOTTA, Rayssa. Tarcísio defende homenagem a coronel da ditadura ao STF: “Não há notícia de condenação”. *CNN Brasil*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tarcisio-defende-no-stf-homenagem-a-coronel-dos-anos-de-chumbo-nao-ha-noticia-de-condenacao/>. Acesso em: 4 de setembro de 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 18 de out. 2024.

NÚCLEO MEMÓRIA. Núcleo Memória é aceito como “Litisconsorte ativo” na Ação Civil Pública do DOI-Codi em São Paulo. Disponível em: <https://www.nucleomemoria.com.br/nucleo-memoria-e-aceito-como-litisconsorte-ativo-na-acao-civil-publica-do-doi-codi-em-sao-paulo>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

NÚCLEO MEMÓRIA. Visitas mediadas ao antigo DOI-Codi: junho 2024. Disponível em: <https://www.nucleomemoria.com.br/visitas-mediadas-ao-antigo-doi-codi:-junho-2024>. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

NÚCLEO MEMÓRIA. OBAN e DOI-Codi do II Exército. Disponível em: <https://www.nucleomemoria.com.br/doi-codi>. Acesso em: 30 de outubro de 2024.

REIS, Luciana Silva. Memória e reparação. *Quatro cinco um*. Disponível em: <https://quatrocinco.um.br/resenhas/laut/memoria-e-reparacao/>. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

YOUTUBE. 60 anos do golpe: CNN visita principal centro de tortura da ditadura | CNN PRIME TIME. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rhRBplbho8Q>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

Sinopse Trabalho de Conclusão de Curso

SOBREVIVENTES DA DITADURA NO BRASIL: HISTÓRIAS ESCONDIDAS NO PRÉDIO NO DOI-CODI

Autor: Cecília Mayrink O’Kuinghttons

Orientador: Prof. Julio Wainer

Banca: Prof. Diogo de Hollanda e Prof. Mauro Peron

Sinopse: O Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo, ou DOI-Codi/SP, foi um dos principais centros de tortura durante a ditadura militar (1964-1985) no Brasil. Localizado na Vila Mariana, o prédio hoje é tombado e pertence à Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. A partir de uma visita ao local, este livro-reportagem analisa o estado em que a construção está em questão de preservação arquitetônica, uma vez que não se tornou um museu após o fim do regime militar. A pesquisa é acompanhada dos relatos de quatro sobreviventes que estiveram presos no DOI-Codi de São Paulo durante a ditadura, revelando seus traumas e lembranças que fazem parte da história recente do Brasil.

Local: a ser definido

Ficha Técnica - Trabalho de Conclusão de Curso

Curso: Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Título: Sobreviventes da ditadura no Brasil: Histórias escondidas no prédio do DOI-Codi

Autor: Cecília Mayrink O'Kuinghttons

Orientador: Julio Wainer

Formato: Livro-reportagem

Número de páginas: 80

Capa: Melina Mayrink O'Kuinghttons